

REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS

Volume III



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS
COIMBRA 1981

Historia de la Iglesia en España, dir. por RICARDO GARCIA VILLOSLADA.
5 vols., Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1979-1982.

O 1.º vol. (LXXXVI + 756 pp.) desta obra, dirigido por Villoslada e com a colaboração de Manuel Sotomayor y Muro, Teodoro Gonzalez Garcia e Pablo Lopez de Osaba, a primeira que se realiza em Espanha por uma equipa de historiadores, constitui sem dúvida um acontecimento que, pela sua novidade e significado, merece ser assinalado. Como escreve Villoslada na introdução geral, a causa principal por que até agora não se elaborou uma história completa e digna da Igreja espanhola reside no facto de os historiadores daquele país se terem isolado na realização da árdua tarefa de levantar sobre os seus ombros e erguer o enorme penhasco da sua história religiosa, multissecular e complexa. E com falta de tempo e capacidade ficavam pelo caminho, quando não se lhes escapava, antes, das suas mãos o magnífico conjunto histórico, deslizando pelas ladeiras da impotência ou do desalento. Para empreender tal construção necessário se torna dispor de muitos braços e peitos que se conjuguem no labor de equipa e bem concertado. E é imprescindível, diz ainda, contar logo à partida com o prévio trabalho de sapadores e canteiros que apresentem os materiais de construção.

Já outros no passado pensaram em levar a cabo semelhante tarefa, a começar pelo Padre Juan de Maldonado (séc. XVI) que projectara escrever uma história da Igreja, faltando saber se era de carácter universal ou limitado à Espanha apenas. Mas quem planeou com certeza compor uma história da Igreja de Espanha foi Estéban de Garibay por volta do ano de 1578. Fr. Juan de Murieta, O.P., Gonzalo de Illescas, Luis de Bavía, Marcos de Guadalajara, Juan de Baños y Velasco, estes últimos já no séc. XVII, deixaram tratados históricos de algum merecimento. E podíamos falar de outros. Mas o primeiro que, cronologicamente, deixou uma *Historia eclesiástica de España* foi Francisco de Padilla, falecido em 1607. Apesar da enorme riqueza de elementos históricos que encerra, contudo carece de sentido crítico. E poderíamos enumerar outros autores que enveredaram pelo caminho da história da Igreja de Espanha. Durante os sécs. XVII e XVIII apareceram autores que se debruçaram sobre a história das diversas dioceses de Espanha, deixando nos seus trabalhos dados muito preciosos para quem hoje deseja tratar desta temática. Na extensa introdução historiográfica do *Diccionario de historia eclesiástica de España* (Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1972) desenvolve Villoslada este ponto.

Na referida introdução refere-se aquele autor a nomes como Fr. Pablo de Santo Tomás, O. S. J., Andrés Marcos Burriel, este último o grande programador de uma obra intitulada *Monumenta Hispaniae Historicae*, como setenta anos mais tarde fez na Alemanha G. E. Pertz. Contudo, factores de vária ordem impediram levar a seu termo tão importante tarefa. Mas o que é facto é que em Espanha pululavam grandes incentivos para avançar pelo sector da história da Igreja espanhola. Relevante veio a ser a acção de Mons. Alonso Clemente de Aróstegui (1698-1774) que, entre outras coisas, fundou em Roma uma Academia Espanhola de História Eclesiástica, cujos membros planearam elaborar uma história da Igreja de Espanha. Era a época de Fr. Enrique Flórez e de outros que, com muita paciência, tenacidade, amor à história e aos códices antigos dos maurinos franceses e de vários

eruditos italianos seus contemporâneos, são de destacar. O vol. III (Madrid, 1748) da obra anteriormente referida da Academia Espanhola de Historia Eclesiástica tem a aprovação de Burriel na qual tece considerações muito interessantes acerca do trabalho que se impunha realizar.

A expulsão dos jesuítas foi benéfica para o desenvolvimento dos estudos históricos. No exílio alguns deles dedicaram-se a fazer a história eclesiástica de Espanha, como H. Hervás, Manuel Luengo e outros.

Já no século XIX sobressai a figura de Jaime Villanueva, O.P., falecido em 1824, que depois de muitas pesquisas em 150 arquivos de catedrais e conventos elaborou o *Viaje literario a las iglesias de España*, cujos cinco primeiros volumes se publicaram em Madrid entre 1803 e 1806; os seguintes (vols. VI-X) apareceram entre 1821 e 1852. Foi no séc. XIX que se chegou à conclusão de que era necessário pôr de lado os métodos até então seguidos e colocar ao serviço da história a ciência e o rigor objetivo. E D. Vicente de la Fuente foi o historiador que de forma decisiva contribuiu para isso. Publicou a sua *Historia eclesiástica de España o Adiciones a la «Historia generale de la Iglesia»* escrita por Alzog (trata-se da versão do latim para castelhano). A que se deve consultar é a *Historia eclesiástica de Espana*, em 6 tomos (Madrid, 1873-1875), que é a segunda edição da anterior. Trata-se de um trabalho notável e de grande merecimento. La Fuente revelou-se igualmente ilustre canonista e teólogo, apesar de ser leigo.

Na Alemanha, entretanto, Pius Bonifacius Gams († 1892) escreveu a *Kirchengeschichte von Spanien* (Ratisbona, 1862-1879) que se pode considerar superior à de La Fuente por várias razões. Outro nome a destacar é o de Ramón Buldú que dirigiu a *Historia de la Iglesia en España* (Barcelona, 1856). Um passo importante dado no campo da historiografia da Igreja de Espanha veio a ser dado por Marcelino Menéndez Pelayo que deixou a célebre *Historia de los heterodoxos españoles* (Madrid, 18880-1882). Como diz Villoslada, apesar de tudo o que se tem escrito acerca da obra de Menéndez Pelayo, o que importa é salientar a sua interpretação do autêntico ser de Espanha do ponto de vista religioso. Deixando de parte outros autores, interessa focar a grande abertura dos arquivos e bibliotecas das igrejas catedrais de Santiago de Compostela, Sigüenza, Valência, Pamplona, Cuenca, Tortosa, Barcelona. Notável foi o labor do Abade de Silos, Dom Luciano Serrano, no Arquivo do Vaticano e nos mosteiros de Castela. Fr. Silverio de Santa Teresa e Antonio Astrain, este com a *Historia de la Compañia de Jesús en la Assistencia de España*, em sete volumes, evidenciaram-se como historiadores de grande reputação.

Zacarias García Villada, S.J. (1879-1936), foi o primeiro que tentou com técnica moderna, óptima informação e crítica razoável realizar por si um trabalho notável que pode ser apontado como pioneiro da obra que agora surge. A sua *Historia eclesiástica de España* (Madrid, 1929-1936) terminou no séc. XI. De tudo o que fica dito imperioso se tornava pensar na preparação de uma história da Igreja de Espanha. Pedro de Leturia, S.J., professor da Pontifícia Universidade Gregoriana, com a ajuda e colaboração de Joseph Grisar e Robert Leiber, fundou em 1932 a Faculdade de História da Igreja. E tudo fez para que a obra surgisse. A morte surpreendeu-o entretanto. Mas o grupo de jovens de que soube rodear-se, algumas décadas mais tarde viria meter mãos à obra. A Biblioteca de Autores Cristianos apoiou e patrocinou a ideia de realizar o presente trabalho que aparece em boa hora a colmatar uma enorme brecha.

A realidade histórica de Espanha foi estudada por Américo de Castro. A aguda sensibilidade de Castro levou-o a detectar o fenómeno religioso como uma constante da história de Espanha, apesar de engrandecer demasiado o papel da história religiosa islâmico-judaica, ou seja, de origem semita, esquecendo o fundo europeu. A essa tese replicou Eugenio Asensio com o livro *La España imaginada de Américo de Castro* (Barcelona, 1976), tecendo críticas fortes ao método histórico seguido por Castro e a outros aspectos da sua obra. Mas Claudio Sanchez Albornoz na sua monumental obra *España: un enigma histórico* (Buenos Aires, 1956) foi mais longe na crítica a Américo de Castro. A pré-história e a história primitivas espanholas devem ser tidas em consideração bem como a romanidade e outros aspectos ainda. José María Villás Vallicrosa, um dos maiores hebraístas da Espanha de nossos dias, no seu livro *Nuevos estudios sobre la historia de la ciencia española* (Barcelona, 1960) insiste na vinculação de Espanha à Roma papal, ou seja, aos laços fortes que aquele país sempre manteve com o Cristianismo. Roma esteve sempre presente na obra da Reconquista, como se pode ver admiravelmente na obra de José Goñi Gaztambide, *Historia de la bula de la Cruzada en España* (Vitória, 1958). Mas devia também aludir a outras dimensões, como o modo de sentir dos espanhóis, do seu pensar, sentir e crer, etc. Não foi só a parte económica que contou. O espírito, a alma espanhola, impregnados de cristianismo, matizaram religiosamente o seu temperamento, deram força à sua ética, ergueram os seus olhos para o transcendente e o sobrenatural.

O contributo da Igreja para o ser histórico de Espanha é outro ponto merecedor de reflexão. A Espanha teológica, a Espanha mística e a Espanha missionária — eis três notas fundamentais que se encontram no povo e na mentalidade dos espanhóis. O ser histórico de Espanha não se pode compreender sem ter presentes esses três factores. Basta lembrar o Concílio de Trento, os místicos espanhóis e a acção missionária desenvolvida por esse mundo além.

A obra que agora, felizmente, é dada à estampa é dividida em cinco partes: vol. I — Época Romana e Visigótica (desde as origens cristãs até à invasão islâmica em 711); vol. II — A Igreja espanhola desde os inícios da Reconquista até finais do grande Cisma do Ocidente; vol. III — Reformas eclesiásticas e Idade de Ouro (sécs. XV e XVI); vol. IV — A Igreja sob os últimos Áustrias e os primeiros Bourbons (sécs. XVII e XVIII); vol. V — Desde as Cortes de Cádiz (1810) até à actualidade. Ainda se pensou publicar dois volumes sobre a História da Evangelização no Novo Mundo, mas tal ideia foi abandonada porque, entretanto, surgiram, editados pela BAC, dois importantes volumes sobre a *Historia de la Iglesia en la América española* (1965-1966).

Na nota bibliográfica vêm referidas as fontes mais importantes: Reportórios bibliográficos, Actas e Documentos Pontifícios, Concílios Ecuménicos e Provinciais, Livros Litúrgicos, Coleções de Símbolos da Igreja Primitiva, História dos Dogmas, Fontes Hagiográficas, Coleções dos Santos Padres e Patrologias, Coleções de Concordatas, Ordens e Congregações Religiosas, etc. Na bibliografia geral indicam-se outras fontes e a literatura mais apropriada. O leitor fica, à partida, de posse dum vasto e rico manancial de elementos que o ajudam a situar melhor a obra. Ao longo desta, as referências bibliográficas são preciosas, bem como os apêndices incluídos.

A primeira parte é dedicada à Igreja na Espanha Romana, elaborada por Manuel Sotomayor y Muro; e a segunda à Igreja desde a conversão de Recaredo até à invasão árabe, por Teodoro González. Um índice de autores encerra este vol. I.

O vol. II, em dois tomos (XXXIII + 572 pp. e XXVII + 513 pp.), é dirigido por Javier Fernandez Conde, com a colaboração de Isidro Bango Torviso, Javier Faci Lacast, Javier Fernández Conde, Antonio Linage Conde, Antonio Oliver e Juan Francisco Rivera Recio. Abrange a Igreja em Espanha dos séculos VIII a XIV. A invasão e conquista muçulmana de Espanha, a Igreja Moçárabe, os núcleos cristãos do Norte, a organização eclesiástica da Espanha cristã, a consolidação da Reconquista, a presença da Santa Sé em Espanha, o movimento de reorganização eclesiástica (sécs. XI a XII), a renovação religiosa, a renovação religiosa e cultural, as transformações políticas do séc. XII e a história da Arte cristã em Espanha — eis os capítulos do 1.º tomo; o 2.º trata da época das grandes conquistas, das estruturas eclesiásticas e sociais nos sécs. XII e XIII, das Ordens Religiosas, da cultura e do pensamento religioso na Baixa Idade Média, da recessão do ideal de Reconquista, da religiosidade popular e da piedade culta, da corte pontifícia de Avinhão e a Igreja espanhola, da decadência e tentativas de reforma, do Cisma do Ocidente, das minorias étnico-religiosas e da história da Arte.

O vol. III, também em dois tomos (XL + 513 pp. e XX + 751 pp.) é consagrado à Igreja em Espanha dos sécs. XV e XVI. A direcção é de Jose Luis González Novalin e tem a colaboração de Tarcisio de Azcona, José García Oro, José Luis González Novalin, José Goñi Gatzambide, Bernardino Llorca e Mons. Demetrio Mansilla. O panorama histórico-geográfico da Igreja espanhola nos sécs. XVI e XVI, a presença de Espanha nos concílios gerais do séc. XV, a reforma do episcopado e do clero no tempo dos reis católicos e de Carlos V, conventualismo e observância, religiosidade e reforma do povo cristão, participação no Concílio de Trento — eis as partes em que é dividido o 1.º tomo; o 2.º abrange a Contra-Reforma Católica, a inquisição, o pensamento teológico e a vivência religiosa na Reforma espanhola, a Igreja de Espanha e a América espanhola, a literatura religiosa no século de ouro, a música religiosa e, finalmente, a arte.

O vol. IV (XL + 836 pp.) trata da Igreja em Espanha nos séculos XVII e XVIII. A direcção foi confiada a Antonio Mestre Sanchis e teve a colaboração de Rafael Benítez Sánchez-Blanco, Eugenio Ciscar Pallarés, Antonio Domínguez Ortiz, Teófanos Egido, Rafael Maria de Hornedo, Francisco Martín Hernández, Antonio Mestre Sanchis, Joaquín Pérez Villanueva, José Ignacio Tellechea Idígoras e Isaac Vázquez Janeiro. As implicações políticas e sociais da Igreja e as actividades apostólicas e intelectuais da Igreja são as duas partes em que se divide este volume com vários capítulos para cada uma delas.

O vol. V (XXXVII + 805 pp.) engloba a Igreja em Espanha contemporânea (1808-1975). A direcção esteve confiada a Vicente Carcel Orti e a colaboração ao mesmo, a José Manuel Cuenca Toribio, Baldomero Jiménez Duque, Joaquín Luis Ortega Martín, Manuel Revuelta González, Rafael María Sanz de Diego e Carlos Valverde Mucientes. A Igreja frente à crise do Antigo Regime (1803-1833), o liberalismo no poder (1833-1868), a Revolução Burguesa (1868-1874), o Catolicismo espanhol na Restauração (1875-1931), a 2.ª República e a guerra civil (1931-1939), espiritualidade e apostolado, os católicos e a cultura espanhola, a Igreja perante o repto da industrialização, a Igreja espanhola desde 1939 até 1975 e um apêndice documental — eis uma visão global do conteúdo deste último volume. Como os restantes, é antecedido de uma bibliografia e encerra com um índice de autores.

Estamos diante de uma obra de extraordinária envergadura que merece os melhores encômios. Não é um trabalho de pura investigação nem de simples divulgação. Os seus responsáveis procuraram o meio termo. Com uma sólida fundamentação documental, os problemas são abordados com grande rigor científico e com uma preocupação séria de abranger os aspectos espirituais, culturais, sociais e políticos e económicos. E não se esqueceu de abordar a Igreja como instituição e as suas relações com o Estado. Elaborada por especialistas de reconhecido valor, esta obra marcará um ponto definitivo na investigação da evolução histórica do povo espanhol e contribuirá para uma compreensão mais profunda e objectiva do lugar essencial que a Igreja ocupou na vida do país vizinho. É um trabalho notável que fica a passar de leitura obrigatória para quem se debruce sobre a história da Igreja em Espanha. Actualizando muito do que fora dito antes e aprofundando temas que eram tratados de forma ligeira, este trabalho, culminando um esforço feito ao longo de séculos, permanecerá a partir de agora como o tratado fundamental da história da Igreja de Espanha. O comité organizativo constituído por Vicente Carcel Orti, Javier Fernandez Conde, Jose Luis González Novalin e Antonio Mestre Sanchez está de parabéns pela empresa realizada, o mesmo se devendo dizer da Biblioteca de Autores Cristianos.

MANUEL AUGUSTO RODRIGUES

SAMUEL DA SILVA — Tratado da Imortalidade da Alma. Fixação do Texto, Prefácio e Notas de Pinharanda Gomes. Colecção «Pensamento Português». Imprensa Nacional — Casa da Moeda, Lisboa, 1982. LXII + 264 pp.

Na «Colecção Pensamento Português» foram até ao momento editadas algumas obras de relevante interesse para a história da Cultura Portuguesa: *Temas e Questões*, de J. P. Oliveira Martins; *Apologia*, de Álvaro Gomes; *Defesa do Racionalismo ou Análise da Fé*, de Pedro Amorim Viana e *Prosas Sócio-Políticas*, de Antero de Quental. É uma série que vem enriquecer a vasta gama de publicações da Imprensa Nacional — Casa da Moeda que ultimamente tem lançado no mercado do livro obras de grande importância.

Em 1616 Uriel da Costa, canonista português que se havia convertido ao judaísmo, emigrou para Amsterdão, onde procurou um ambiente em que pudesse gozar de liberdade religiosa e do convívio com outros judeus portugueses que residiam na Holanda. Como «demandista» — filósofo, entregou-se ao estudo da religião hebraica com enorme empenho chegando a conclusões extremas: negou a imortalidade da alma e a lei oral. Fácil é de compreender que tal atitude gerou grande confusão na comunidade judaico-portuguesa que era fortemente tradicionalista e